



CORUJAS: VERDADES E MITOS. UMA ANÁLISE DAS CRENDICES POPULARES ENVOLVENDO AS CORUJAS

Priscilla Esclarski¹, Willian Menq², Selson Garutti³

RESUMO: As corujas, mochos e caburés formam um grupo de aves com padrões bastante característicos de comportamento, morfologia e anatomia. São aves da Ordem Strigiformes e possuem representantes por quase todos os continentes. Devido aos hábitos noturnos e vocalizações típicas, estas aves têm sido associadas à má sorte, sinais de infortúnio e criaturas de mau agouro. Infelizmente, essas crenças populares podem ser prejudiciais as corujas, já que incentivam a caça e perseguição contra essas aves. Este estudo objetivou analisar as lendas, mitos e crenças populares existentes, tanto brasileiras quanto estrangeiras que fizessem referência às corujas. Como resultado, verificou-se que grande parte das superstições são prejudiciais aos Strigiformes e o desconhecimento sobre essas aves contribui fortemente para a o abate e perseguição. Dessa forma, a educação ambiental torna-se essencial para eliminar as informações errôneas e prejudiciais contra as corujas.

PALAVRAS-CHAVE: Conservação; Etnornitologia; Lendas; Strigiformes; Superstições.

1 INTRODUÇÃO

As corujas compõem um grupo de aves com padrões bastante característicos tanto de comportamento quanto de morfologia e anatomia (Motta-Junior, Bueno & Braga, 2004). O grupo das corujas é composto pela Ordem Strigiformes que é dividida em duas famílias: Tytonidae e Strigidae. São aves predadoras e predominantemente noturnas (Sick, 1997). Os Strigiformes são especialistas na caça em ambientes com pouca luminosidade, para isso possuem adaptações especiais como garras e bicos fortes, afiados e uma visão apurada, além de uma plumagem extremamente macia que garante o vôo silencioso. A audição nessas aves é bem sensível e combinada ao disco facial permitem que as corujas detectem a origem dos ruídos, mesmo os mais baixos, facilmente (Sick, 1997). Todas essas características tornam o grupo facilmente distinguível entre as aves. Apresentam uma ampla diversidade de tamanho corpóreo, havendo tanto aquelas com pouco mais de 60 g como o caburé-miudinho (*Glaucidium*

¹ Discente do Curso de Ciências Biológicas, Centro Universitário de Maringá – CESUMAR, Maringá/PR. Programa de Iniciação Científica do Cesumar (PICC). prisk.esclarski@gmail.com

² Mestrando do programa de Pós-graduação em Ciências Biológicas, Universidade Estadual de Londrina - UEL, Londrina/PR

³ Orientador, Graduado em História pela Universidade Estadual de Maringá (UEM) e Mestre em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica (PUCSP)

minutissimum) até representantes imponentes como a bufo-real (*Bubo bubo*) que pode pesar mais de 4 kg (Burton, 1994, Sick, 1997; Sant'Ana & Diniz-Filho, 1999).

São mais de 212 espécies no mundo, número este que cresce a cada revisão sistemática e a cada nova descoberta; distribuídas por todos os continentes, com exceção da região Antártica (Sant'Ana & Diniz-Filho, 1999, CBRO, 2011). Na América do Sul ocorrem 42 espécies, das quais 23 presentes no Brasil (CBRO, 2011; Lepage, 2011). Apesar de nenhuma espécie brasileira constar na lista nacional de animais ameaçados de extinção, algumas podem estar potencialmente vulneráveis, já que há uma deficiência de dados da história natural das corujas (IBAMA, 2003), devido principalmente à dificuldade de estudos com estas aves, sendo a maioria de hábitos noturnos e florestais (Motta-Junior, Bueno & Braga, 2004).

É grande a variedade de presas que as corujas consomem, sendo a maioria das espécies predadores de roedores ou invertebrados (Sick, 1997). Como são predadoras de topo, as corujas auxiliam no controle populacional de animais, evitando explosões populacionais desses organismos, podendo também ser utilizadas como indicadores ambientais (Motta-Junior, Bueno & Braga, 2004). A ausência destes predadores nos ecossistemas naturais pode causar dramáticos efeitos sobre os mais diversos aspectos da estrutura de comunidades de florestas tropicais. Não somente sobre a população de presas, mas também acarretando efeitos secundários sobre a vegetação (Motta-Junior, Bueno & Braga, 2004).

No estado do Paraná a principal ameaça verificada aos Strigiformes é a descaracterização de seus habitats naturais e supressão das florestas. Tal ameaça decorre da expansão de áreas urbanas sobre as paisagens naturais e da abertura de espaço à agropecuária e ao plantio de árvores exóticas como, por exemplo, o *Pinus* e *Eucalyptus* (Mikich & Bérnils, 2004). Além disso, muitas espécies, tanto as raras até as mais comuns, sofrem com abates por moradores que consideram essas aves prejudiciais a criações domésticas, especialmente aves (ICMBio, 2008).

Há também a caça e perseguição contra as corujas em decorrência de credences populares. De acordo com essas credences, as corujas em geral são consideradas como animais de mal “agouro”, sinais de azar ou morte, podendo ser abatidas por este simples motivo (Menq, 2011). Seus hábitos noturnos e estranhas habilidades dão margem há tais associações. Inserido neste contexto, o estudo visou analisar as lendas, mitos e credences populares envolvendo as corujas, possíveis origens destas superstições, idéias errôneas e consequências que essas informações podem trazer para as corujas.

2 MATERIAL E MÉTODOS

A coleta de dados foi realizada através de um levantamento teórico, buscando bibliografias especializadas, livros, revistas, artigos, reportagens e informações de web sites brasileiros e internacionais sobre corujas. Foram utilizadas ainda referências contidas em vídeo-documentários que abordassem as corujas e sua relação com o homem.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com esse estudo constatou-se que alguns povos acreditam que as corujas são emissárias de bruxas e agentes de poderes maléficos (MENQ, S. 2011). Há também povos que as viam como criaturas benéficas, na cultura grega, por exemplo, a coruja era símbolo de sabedoria, símbolo do conhecimento racional, em oposição ao conhecimento intuitivo da natureza, assim como na cultura indígena em geral onde essas aves são vistas como seres protetores, portadores do saber, e como guardiões conectoras do mundo dos mortos com o dos vivos, seres sagrados (LEVY & MACHADO, 1995).

Notou-se que a demonização das corujas é em grande parte proveniente da Europa, e essa crença disseminou-se com a colonização. Na Europa as corujas eram associadas às bruxas, sendo vistas como as próprias bruxas que se transformavam em corujas ou como animal protetor, companheiro das bruxas, sendo possível notar as diversas variações dessa crença em países que tiveram colonização européia e sofreram o processo de aculturação (DUARTE, 2011).

Notamos que a associação das corujas com bruxos ainda nos dias de hoje pode ser vista, em produções cinematográficas que abordam o tema de bruxaria, ou de outros gêneros como terror, suspense e até sobre ufologia é comum notar que esses animais sempre aparecem associados aos bruxos(as) da história, à acontecimentos paranormais ou sempre como elemento de cenas trágicas (OSUNSANMI, 2009; ROWLING, 1997)

Essas relações da coruja com acontecimentos maléficos, paranormais, bruxaria e no cinema, de certa forma, propicia que essas associações da coruja com o mal sejam transmitidas e mantidas nas gerações seguintes.

Pode-se constatar também que nem sempre as crenças que colocam a coruja como um animal de sorte beneficia de alguma forma a ave. Pode-se tomar como exemplo uma lenda brasileira oriunda do nordeste que classifica a corujinha caburé (*Glaucidium brasilianum*), como um animal que traz sorte (PEGA CIFRAS/UOL, 2011) Porém não é a coruja em si que é um elemento de sorte, mas suas penas, e nesse caso para conseguir uma pena da caburé quase sempre o animal é morto, dessa forma mesmo sendo caracterizada como um ser benéfico, a lenda é prejudicial para a conservação da espécie.

Observa-se que as crenças realmente benéficas às corujas são provenientes dos povos indígenas, que são povos que adoram a natureza e valorizam sua conservação. Nesses povos elas são vistas como criaturas portadoras do saber, seres sagrados que conduzem a alma dos mortos até outra dimensão, sendo as únicas conhecedoras dos mistérios dos deuses, da natureza.

Infelizmente, as lendas e credices populares que mostram esses animais como criaturas demoníacas, se disseminam com maior facilidade e podem prejudicar as corujas e todo o ecossistema, na medida em que algumas espécies passam a ser desprezadas, temidas, caçadas ou exterminadas em função do preconceito.

4 CONCLUSÃO

Devido a grande abrangência geográfica das corujas e a grande variedade de formas e espécies, faz com que surjam as mais diferentes concepções e interpretações sobre essas aves entre as diferentes culturas. Deduz-se que a imagem negativa e o pouco conhecimento sobre as corujas na sociedade se deve a falta de acesso mais detalhado e esclarecedor sobre essas aves por parte da educação, em sala de aula, ou quaisquer outras atividades na programação do ensino. Nesse aspecto a educação ambiental torna-se a principal ferramenta para eliminar a disseminação de informações errôneas e prejudiciais das corujas e outros animais vítimas do preconceito e das credices.

REFERENCIAS

BURTON, J. A. 1994. Owls of the world: their evolution, structure and ecology. Revisited Edition. Tanager Books, Dover.

CBRO; Comitê Brasileiro de Registros Ornitológicos (2011) Listas das aves do Brasil, 10ª ed. Versão 25/01/2011. Disponível em < <http://www.cbro.org.br> > Acesso em: 07 de abril de 2011.

DUARTE, G.; As corujas da Lenda e Mitologia, 2011, Disponível em: <<http://pt.shvoong.com/books/mythology-ancient-literature/2102423-corujas-da-lenda-mitologia/>> Acesso em 05 de Setembro de 2011.

IBAMA. 2003. Lista de espécies da Fauna Brasileira ameaçadas de Extinção. Instrução Normativa do Ministério do Meio Ambiente.

ICMBio, 2008. Plano de ação nacional para a conservação de aves de rapina / Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade, Coordenação-Geral de Espécies Ameaçadas. – Brasília. 136 p. Série Espécies Ameaçadas, 5. ISBN 978-85-7300-240-9.

LEPAGE, D. 2011. Checklist of the birds of América do Sul. Avibase, the world bird database. Disponível em <<http://avibase.bsceoc.org/checklist.jsp?lang=PT®ion=sam&list=howardmoore>>; Acesso em 7/04/2011.

LEVY, C. & MACHADO, A. A Sabedoria dos Animais: viagens xamânicas e mitológicas, 2ª Ed. Editora Opera Prima, 1995, p. 201-209.

MENQ, S. (2011) Aves de Rapina Brasil - [Corujas: crendices que condenam] Disponível em: < http://www.avesderapinabrasil.com/materias/corujas_crendices.htm> Acesso em: 18 de Julho de 2011.

MIKICH, S.B. & R.S. Bérnils. 2004. Livro Vermelho da Fauna Ameaçada no Estado do Paraná. Disponível em: < <http://www.pr.gov.br/iap> > Acessado em: 20 de Março de 2010.

MOTTA-JUNIOR, J. C.; BUENO, A. de A.; BRAGA, A. C. R. 2004. CORUJAS BRASILEIRAS. Departamento de Ecologia, Instituto de Biociências da Universidade de São Paulo.

OSUNSANMI, O. *The Fourth Kind* [Filme]; Direção de Olatunde Osunsanmi; EUA, 2009, 98 min.

PEGA CIFRAS/UOL, canções folclóricas (RS), disponível em <[http://pegacifras.uol.com.br/cifras/folcloricas-\(rs\)/cabure_1825.html](http://pegacifras.uol.com.br/cifras/folcloricas-(rs)/cabure_1825.html)> acesso em 05 de setembro de 2011.

ROWLING, J. K., Série Harry Potter, Editora Rocco, Brasil, 1997;

SANT'ANA, C.E.R & DINIZ-FILHO, J.A.F.; 1999; Macro Ecologia de Corujas (Aves: Strigiformes) da América do Sul; Ararajuba, v.7(1) , Junho de 1999; p. 3-11.

SICK, H. 1997. Ornitologia brasileira. 2ª. ed. Editora Nova Fronteira. Rio de Janeiro.